

CARATER DO CINEMA BAIANO

O cinema baiano atual faz lembrar o romance nordestino na sua fase inicial (ano 30), com suas asperezas de tema e estilo, antes de assumir, com o decorrer do tempo, o caráter definitivo de testemunho social, de interpretação e comunicação da realidade brasileira: José Américo de Almeida, Raquel de Queiróz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado.

Os ciclos da seca, da cana de açúcar e do cacau se encerraram, e a problemática, depois de assumir interesse sociológico, passou para a arte: primeiro para a literatura e agora para o cinema.

Quem primeiro tratou a problemática nordestina no cinema foi Lima Barreto, mas sem autenticidade cenográfica (filmou no sertão dos altiplanos do Sul) e social (aventuras, sem exame de causas). Todos os filmes posteriores ficaram à superfície, indo apenas do arrôjo de filmar a paisagem no local. Mas, se cangaço é um tema, não é mais um problema, uma questão das que atualmente queimam o Nordeste.

O que se verificou é que, pela efervescência havida na Bahia, e pelo deslocar-se ao Norte, de cineastas do Centro e do Sul, o cinema baiano tende a transformar-se num grande fato nacional: reconhecer, -se que na Bahia existem vários e permanentes elementos representativos da Nação.

Há uma distinção a fazer: Cinema Na Bahia, o cargo de produtores argumentistas e realizadores vindos de outros Estados, e que se voltam ao passado ou ao pitoresco; e cinema da Bahia, dos filmes locais, mais cheios de erros do que de acertos, mas voltados ao característico e ao contemporâneo.

1) Roberto Pires. Com sua frágil aventura policial, há 10 anos, já se inspirava na temática baiana. Mas, ao fazer A GRANDE FEIRA, com a colaboração de Glauber Rocha e Rex Schindler, já apresenta compromisso com a originalidade popular da Bahia.

2) ~~Roberto Pires~~ Glauber Rocha, inicialmente crítico, começou aos 20 anos, com o curta metragem PATIO, ainda influenciado pela Vanguarda Francesa, com um surrealismo ultrapassado.

3) Rex Schindler, médico (sem exercer a profissão), depois diretor de negócios imobiliários, e pintor. Seu talento visual o levou ao cineclubismo e daí à criação cinematográfica. Produziu GRANDE FEIRA, BARRAVENTO e TOCAIA NO ASFALTO, e escreveu o argumento do primeiro e do último. Mas a colaboração dos três não foi harmoniosa e não resultou em obras de arte coletivas, em GRANDE FEIRA e TACAIA, filmes cheios de contradições internas e externas, temáticas e estilísticas.

BARRAVENTO é obra de autoria singular de Glauber Rocha. É uma obra desigual, caótica, irrealizada, obscura crítica de um folclore exótico e da mistificação religiosa, mas é obra de autor.

Rex Schindler e Glauber Rocha, e este mais do que Rex, aspiram ao engajamento, enquanto Roberto Pires o detesta. Por isso, Roberto Pires, sem em GRANDE FEIRA ainda se subordina a Rex, argumentista, em TOCAIA se emancipa, sobrepondo as imagens ao texto.

EM GRANDE FEIRA, os conflitos de mudança do mercado da Feira de Água de Leninos, são falsos, porque os ladrões, assassinos, mendigos, prostitutas e falsos líderes sindicais, não representam a feira. Nem o pistoleiro de TOCAIA representa os problemas do Nordeste. Daí o erro dos dois filmes: dar como heróis, personagens não representativos. As tragédias maiores do Nordeste são: o latifúndio, a seca, a fome e a injustiça.

Há experiências novas: DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL, de Glauber Rocha; SOL SOBRE A LAMA produzido por Palma Neto, para Alex Vianny dirigir, CAIPORA, roteiro e direção de Oscar Santana.

Conclusão: Até agora, o Cinema da Bahia ainda não justificou ~~em~~ diante do Brasil, quanto se esperava de sua atmosfera e de sua humanidade. (Serviço de Divulgação Cinematográfica. - Bíntese de um estudo feito por Walter da Silveira, em ESTADO DE S. Paulo- 16/11/63 63)

(Dados não publicáveis: SDC. C. Postal 2540 -Porto Alegre RS.
Pessoa responsável: H. Didenet. Publicação nº 118. Agosto 64)